

Silvia Ons

TUDO o que você precisa saber SOBRE PSICANÁLISE



NOVA
EDIÇÃO

“Este livro é uma espécie de cavalo de Troia
ao contrário, pois, em vez de arrasar, faz despertar.”

ANA SUY, PSICANALISTA, PROFESSORA UNIVERSITÁRIA E ESCRITORA

PAIDÓS

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Silvia Ons

TUDO o que você
precisa saber

SOBRE

PSICANÁLISE

PAIDÓS

2ª edição

Tradução

Sandra Martha Dolinsky

Copyright © Silvia Ons, 2014

Copyright © Editorial Paidós SAICF, 2014

Publicado originalmente pelo selo © Paidós (Argentina), 2014

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2018, 2021

Todos os direitos reservados.

Título original: *Todo lo que necesitás saber sobre psicoanálisis*

Revisão: Patrícia Alves Santana, Rebeca Michelotti e Carla Fortino

Diagramação: Anna Yue e Francisco Lavorini

Capa: Valentina Brenner - Foresti Design

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Ons, Silvia

Tudo o que você precisa saber sobre psicanálise / Silvia Ons; tradução de Sandra Martha Dolinsky. - 2. ed. - São Paulo: Planeta, 2021.
272 p.

ISBN: 978-65-5535-489-8

Título original: *Todo lo que necesitás saber sobre psicoanálisis*

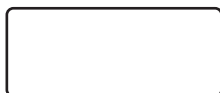
1. Psicanálise 2. Psicanálise - História I. Título II. Dolinsky, Sandra Martha

21-3390

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2021

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

01411-000 – Consolação

São Paulo – SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Sumário

PRÓLOGO 13

CAPÍTULO 1. A criação da psicanálise

- 1. Freud em sua época (1856-1939) 19
- 2. Jacques Lacan (1901-1981) 24
- 3. A psicanálise e a ciência 28
- 4. A ética da psicanálise 32
- 5. A sessão psicanalítica 36

CAPÍTULO 2. Conceitos fundamentais

- 6. O inconsciente 43
- 7. A transferência 47
- 8. O sujeito suposto saber 52
- 9. A pulsão 57
- 10. A sublimação 61

CAPÍTULO 3. O retorno do reprimido

- 11. O sonho, via régia de acesso ao inconsciente 69
- 12. Os sonhos e as formações do inconsciente 73
- 13. O sintoma 77

CAPÍTULO 4. A economia libidinal

- 14. A libido 83
- 15. O prazer 88
- 16. O desejo 92
- 17. A felicidade 96
- 18. O trauma 101

CAPÍTULO 5. Identificações sexuais

- 19. O complexo de Édipo 107

- 20. A leitura lacaniana do complexo de Édipo 112
- 21. O complexo de castração 116
- 22. O superego 120

CAPÍTULO 6. A vida erótica dos sexos

- 23. Não existe relação sexual 129
- 24. A mulher 134
- 25. O homem 138
- 26. A criança 143
- 27. O amor no fim de uma análise 148

CAPÍTULO 7. Estruturas clínicas

- 28. A histeria 155
- 29. A neurose obsessiva 160
- 30. A psicose 164
- 31. A paranoia 168
- 32. A melancolia 172
- 33. A mania 176

CAPÍTULO 8. Orientações sexuais

- 34. A homossexualidade masculina 183
- 35. A homossexualidade feminina 188
- 36. O fetichismo 192
- 37. O travestir-se 196
- 38. A direção masoquista 200

CAPÍTULO 9. Sintomas de época

- 39. A atualidade das perversões 207
- 40. Os “desbussolados” contemporâneos 212
- 41. Os vícios 216
- 42. A depressão 220
- 43. A anorexia 224
- 44. A bulimia 228
- 45. O pânico 232

CAPÍTULO 10. A época e a pulsão

46. Os efeitos da Primeira Guerra Mundial na psicanálise 239

47. Mal-estar na cultura 243

48. A violência no século 248

49. O estatuto do semblante 252

GLOSSÁRIO 257

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 263

PAIDÓS

PAIDÓS

Capítulo 1

A criação da psicanálise

1. Freud em sua época (1856-1939)

Em 1916, Freud situa a psicanálise dentro das três grandes descobertas que ferem o amor-próprio da humanidade. Copérnico mostrou que a Terra não era o centro do universo e, assim, abalou a pretensão do homem de se sentir dono desse mundo. Darwin pôs fim à arrogância humana de criar um abismo entre sua espécie e o restante dos animais. No entanto, nem a afronta cosmológica nem a afronta biológica foram tão sentidas pelo narcisismo como a afronta psicológica. Porque a psicanálise ensina que o ego não só não é dono do mundo nem da espécie, como também não é senhor em sua própria casa.

Situemos os primórdios da psicanálise, visto que neles está o germe de sua particularidade. Freud tem uma formação racionalista; seu espírito é kantiano, ou seja, é um racionalista crítico. Tem a vocação iluminista de querer sair da menoridade sem outra tutela – tal como diz Kant – que não a da razão. Sua descoberta irá lhe mostrar o limite da razão: a sexualidade. Desse modo, a psicanálise se apresenta como a filosofia das luzes interpelada, assediada, alterada pelo *factum* freudiano da pulsão. A psicanálise não é obscurantista; por isso, Lacan nos diz que Freud prossegue o debate das luzes. Mas também indica o ponto em que elas se apagam, e isso conduz a sua ética: as luzes devem ser moderadas.

A vida pulsional da sexualidade não pode ser plenamente domesticada: aquilo que não se integra se reprime, nossa morada é habitada por aspectos que não queremos reconhecer porque não entram em harmonia com nossos ideais. Mas o empenho em rejeitar fracassa, e o mais estranho de nós emerge desfigurado por meio dos sintomas. Não cabe espantar-se, afirma Freud,

As terapias não analíticas são facilmente aceitas, pois se empenham em erigir o ego como soberano, ensinam-lhe a se libertar melhor daquilo que irrompe, elevam sua fome de controle, evitam que se aproxime do solo incômodo de seu habitat. Mas isso, sem dúvida, conduzirá sempre ao pior, não só porque o campo do conhecimento será limitado, como também pelo destino infernal que sofrerá aquele que tenta se omitir.

Você sabia que... a Argentina é um dos países onde a psicanálise mais se desenvolveu?

com o fato de que o ego não conceda um benefício à psicanálise e se obstine em repudiar seu crédito, digamos, tanto ontem como hoje.

Freud convida à aventura humana da cura psicanalítica, aventura desse explorador que, percorrendo os caminhos mais distantes de suas crenças, volta com recursos dos quais antes não dispunha. E essas energias gastas outrora em preservar seus domínios estarão livres para fins compatíveis ao desejo, que sempre excede os limites do ego.

Nos últimos tempos, o pensamento de Sigmund Freud tem sido objeto de crescentes críticas. Seria possível dizer, é verdade, que as contestações à psicanálise a acompanham desde suas origens. Mas o período das resistências iniciais foi sucedido por outro de ampla difusão e aceitação geral, as quais foram conquistadas, muitas vezes – também é preciso dizer –, à custa do rigor. A impiedosa visão negativa e a sanha passional testemunham que a potência revulsiva do pensamento de Freud continua intacta, e suas ideias são indigestas para uma sociedade não menos hipócrita que a dele próprio. Mais sutilmente hipócrita, sem dúvida.

Cronologia

1856

Em 6 de maio, nasce Sigmund Freud (mudará de nome para Sigmund aos 21 anos), no seio de uma família judaica, em Freiberg, Morávia, um pequeno povoado sob o Império Austro-Húngaro (atualmente, Příbor, República Tcheca).

1860

Dada a crise econômica que arruina os negócios de seu

pai, a família Freud se muda para Viena.

1873

Aos 17 anos, Freud ingressa na Universidade de Viena como estudante de medicina e se forma em 1881.

1885

Freud ocupa (durante pouco tempo) um cargo em uma clínica privada, onde ocasionalmente emprega a hipnose. É nomeado *Privatdozent*.

Mais tarde, obtém uma bolsa para realizar uma viagem de estudos e escolhe ir a Paris estudar com Charcot no hospital da Salpêtrière. Lá, observa as manifestações da histeria e os efeitos da hipnose e da sugestão. Charcot exerce grande influência sobre ele, e com Josef Breuer aprende que existe uma cura dos sintomas histéricos, inédita até o momento.

Quando se trata de suprimir sintomas incômodos, deixar o mais rapidamente possível um sujeito em condições de retomar o automatismo cego da vida atual, reintegrá-lo ao mercado como produtor bem-sucedido e, em especial, como consumidor voraz e insaciável, reativando seus apetites, é plausível que o tratamento psicanalítico não seja o caminho mais indicado. Melhor Prozac ou uma reeducação cognitivista.

Freud não quer ser médico; interessam-lhe a ciência, a biologia, a pesquisa. Devedora de diversas descobertas e proveniente de uma Viena liberal logo após a destruição do Império Austro-Húngaro, a psicanálise tem uma especificidade própria. O anseio freudiano por decifrar os enigmas do mundo é superior ao de curar. Freud acredita na ciência, e, em sua juventude, o laboratório de Ernst Wilhelm von Brücke lhe permite estabelecer-se na fisiologia histológica. É ele – seu admirado professor – que lhe adverte que, em vista de suas reduzidas possibilidades materiais, não poderá se dedicar à carreira puramente teórica pela qual sente devoção. É assim que Freud passa da histologia do sistema nervoso à neuropatologia, e, mais tarde, um enigma – o da neurose – motiva a sua criação: a psicanálise. Esse encontro com Brücke fará com que Freud desenvolva um interesse crescente pela

1886-1938

Freud não para de escrever diversos trabalhos, que serão agrupados nos 24 volumes que compõem a edição de *Amor mortu* (Freud, 1976-1988) com que trabalhamos neste livro.

1899

É lançada *A interpretação dos sonhos* (Freud, vol. IV-V),

mas o editor define como data o ano de 1900.

1923

Freud recebe o diagnóstico de câncer na mandíbula. Submete-se à primeira cirurgia.

1933

Em maio, os nazistas queimam as obras de Freud em Berlim.

1938

Em março, é estabelecido o *Anschluss*. Roosevelt e Mussolini intervêm em favor de Freud, que em junho parte para Londres, onde tratará pacientes até quase o fim de sua vida.

1939

Freud morre em 23 de setembro.

Em fins do século XIX, o conhecimento médico é hegemônico: o médico tem o saber, e o paciente escuta e obedece. Mas já nos primeiros casos freudianos se vê uma mudança fundamental: seu modo de trabalhar parte da suposição de que os pacientes tenham o saber, o que inverte sua posição.

clínica, base fundamental para uma teoria que jamais se separou dela. Freud sempre recorda uma frase que Jean-Martin Charcot disse sem lhe dar muita importância e a evoca ao longo de sua vida ao abalar o mundo com suas revelações: “A teoria é boa, mas não impede que os fatos existam”. Cren-te da ciência, ele gosta de se definir como explorador:

Não sou, em absoluto, um homem de ciência, nem um observador, nem um experimentador, nem um pensador. Por temperamento, não sou mais que um conquistador, um aventureiro, se quiser traduzir esta palavra, com toda a curiosidade, a ousadia e a tenacidade desse tipo de homem.

Freud nasce em um século fortemente marcado pelo biológico, pelo positivismo, e é nesse contexto que descobre que o sintoma histerico não responde a essa lógica. Nada mais distante do psicologismo, que pretende vincular tudo que acontece no corpo a um correlato psíquico, o que faz de tais campos um todo indivisível. Para Lacan, o passo freudiano não teria sido possível sem o cartesiano. Exemplifiquemos: Freud não quer ser médico, porque lhe interessa fundamentalmente a pesquisa, embora, de qualquer maneira, seu saber como médico é concorde com o de sua época. Longe da medicina hipocrática, a medicina de seu tempo – assim como a de hoje – considera que o homem tem um corpo, algo que não era óbvio antes do passo cartesiano.

De fato, com o corte introduzido por Descartes, ficam para trás a unidade do ser humano e a alma como forma do corpo. A divisão está feita. Diz Lacan que, daí em diante, o médico encarará o corpo com a atitude de um homem que desmonta uma máquina e que Freud partiu dessa posição seguindo seu ideal: a anatomia patológica, o sistema nervoso. Dado que o sintoma histerico se refere a um corpo que não é o biológico, é necessária a fundamentação da biologia para situá-lo em outro lugar.

A prática analítica é altamente efetiva quando se trata de empreender uma das poucas aventuras ainda acessíveis para o homem de nosso tempo, em um mundo que já foi totalmente explorado e no qual até mesmo as viagens foram expropriadas pela indústria do turismo. A psicanálise não é só uma cura — o que nunca foi o interesse prioritário de Freud, Colombo da vida anímica —, mas, sim, a possibilidade de

construir um sujeito à altura da época, um sujeito que, ao ampliar e redefinir o campo da subjetividade, esteja preparado para se desenvolver digna e humanamente nos tempos da morte de Deus. Isto é, no transe da desvalorização dos valores mais altos que identificam o Ocidente, da derrocada da ordem tradicional, da perda de toda referência e, consequentemente, da errância planetária.

PAIDÓS

Em poucas palavras:

Há uma mudança no conceito de razão
a partir de Freud, cujas influências no campo
do conhecimento não têm precedentes.

2. Jacques Lacan (1901-1981)

Em 1938, a ascensão do nazismo obriga o doutor Freud, judeu austríaco residente em Viena, a se exilar em Londres, onde morrerá. Em 1932, o doutor Lacan, um jovem psiquiatra, publica em Paris sua tese de doutorado sobre um caso de paranoia. Chamado à frente de batalha, depois da Segunda Guerra Mundial, ele leva adiante uma intensa formação no campo da filosofia e das ciências. Membro da Sociedade Francesa de Psicanálise, inicia em 1955, em seu primeiro seminário público, uma leitura dos textos de Freud nunca antes vista. Seu grito de ordem “retornar a Freud” dá lugar a consequências que farão parte de seus ensinamentos até a morte – consequências que vão transformar a teoria da psicanálise e a prática dos analistas.

Diante do convite da Universidade Clark e em frente à célebre estátua que ilumina o universo, Freud diz a Jung: “Eles não sabem que estamos trazendo a peste”. Lacan adverte que Freud havia se enganado, visto que acreditava que a psicanálise seria uma revolução para a América do Norte, quando, na realidade, foi esta última que devorou sua doutrina ao lhe retirar seu espírito de subversão.

O desejo de Lacan é reintroduzir essa praga no espírito de um freudismo adormecido, que, depois de ter sobrevivido ao fascismo, adaptou-se a ponto de se esquecer da virulência de suas origens. Pouco resta já da ideia de seu criador, que expressava na seguinte frase a inquietante conotação de sua descoberta: “Se os deuses não se deixarem subjugar, aperei ao inferno”.

A obra de Lacan floresce na aurora; é no debate das luzes que interpela os analistas a demonstrarem as razões de sua prática. Muito pode se dizer das grandes influências que habitam sua obra: ele é um excelente psiquiatra, formado na melhor tradição francesa representada por Gaëtan Gatian de Clérambault; é um leitor detalhista da obra de Freud, a ponto de encontrar nela arestas insuspeitadas; relaciona-se com os surrealistas; aprecia a tradição dos moralistas humanistas; conhece muito bem a modernidade filosófica por meio de Alexandre Koyré, Alexandre Kojève e Georges Canguilhem. Leitor infatigável,

homem ávido e curioso, Lacan faz desse apetite uma paixão. Interessa-se pelo Ocidente e ainda mais pelo Oriente, pela história e pelos saberes de sua época, a tal ponto que é possível reconhecer uma infinidade de marcas em sua obra, caminho que considero infrutífero se omitirmos o voto que as convida: que a psicanálise tenha uma influência na cultura que ultrapasse seu lugar como tratamento curativo das neuroses e se afirme como uma leitura da civilização que nela trace sua marca. Seus detratores o acusam de infidelidade em relação aos autores citados, de pouco rigor quanto ao conteúdo real; em suma, de traição. Mas não se leva em consideração que Lacan não quer ser professor nem circunscreve seu lugar como analista aos confins do consultório; por isso, sua leitura dos textos guarda proximidade com a de um relato clínico no qual encontra um trecho que ultrapassa o que se tenta dizer.

Lacan interpreta a cultura com base na psicanálise e, para poder fazer isso, tem sempre muito claro que não deve ser reabsorvido nela; ou seja, identifica-se com a essência da própria psicanálise. É expulso da Associação Psicanalítica Internacional (API) por questionar até que ponto os enquadramentos vigentes atentam contra os próprios princípios da psicanálise. Funda uma escola fiel a esses princípios e inventa um dispositivo chamado “passe”, com o objetivo de que aqueles que atravessam uma experiência analítica testemunhem seus efeitos. Ele deseja que esses relatos ensinem que essa experiência não se ergue no incognoscível e que se pode demonstrar – em uma aproximação à ordem científica – que a cura não é alheia à lógica nem oposta ao rigor. Ao ver que sua escola se afasta desses princípios, ele a dissolve; ama a psicanálise acima de tudo e não renunciará a ela em nome da comodidade; essa comodidade que, segundo suas palavras, é a raiz de toda corrupção. Afirma: “Sou freudiano. A vocês cabe ser lacanianos”.

Lacan deve abalar o comodismo intelectual do silêncio das verdades não discutidas, que conduziu a prática analítica “ao mais tosco empirismo”. É urgente para ele, pois, liberar os conceitos fundamentais do imbróglio sombrio em que estão mergulhados.

Você sabia que... Lacan foi expulso da API, na qual era professor?

Lacan é acusado de ser enigmático, barroco; não se entende que sua ideia de que a psicanálise não seja amordaçada pelo saber livresco dá origem a um estilo que não é facilmente compreensível. É considerado obscuro quando seu propósito mais urgente é justamente resgatar a psicanálise do obscurantismo ao qual a relegaram os pós-freudianos, liberar os conceitos do imbróglio sombrio em que estão mergulhados, abalar o comodismo intelectual do silêncio das verdades não discutidas.

Miller encarna esse “vocês” e é, sem dúvida, seu melhor intérprete. Seus oponentes o acusam de simplificar o ensinamento de seu mestre, de aclimatá-lo para torná-lo acessível. Em minha opinião, Miller combate esse leitor que só toma desse ensinamento um aforismo, a ponto de repeti-lo aos quatro ventos, e nos leva a ler Lacan com base em suas perguntas. Longe de simplificá-lo, mostra-nos um Lacan que replica a si mesmo, não ao profeta que clama suas certezas.

PAIDÓS

Cronologia

1901

Nasce em Paris Jacques-Marie Émile Lacan, que estudará no colégio Stanislas.

1932

Lacan publica sua tese de doutorado em psiquiatria: “Da psicose paranoica em suas relações com a sexualidade”, trabalho que o aproxima de Freud.

1953

Resultado de um rompimento, Lacan participa da criação da Sociedade Francesa de Psicanálise, que não será admitida na Associação Internacional Freudiana. Desse ano em diante, ele fará 27 seminários. Seus trabalhos escritos serão publicados como *Escritos I* (Lacan, 1972b),

Escritos II (Lacan, 1975c) e *Outros escritos* (2003).

1964

Afastado da API, Lacan funda a Escola Freudiana de Paris. “A excomunhão” abre *O seminário. Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1985b), no qual diferencia “o inconsciente freudiano e o nosso”.

Longe de sua afinidade com uma facanha, com um imperativo ético, segundo o desejo de Freud, a psicanálise se põe a serviço de uma adaptação à ordem vigente muito duramente criticada por Freud. Lacan considera que esse fato não obedece só a uma vicissitude conjuntural; a psicanálise está ameaçada desde seu nascimento, e, de alguma maneira, todo o seu ensino parte de

jamais ter esquecido esse princípio. Quanto maior a força de uma verdade, maior será a força que tentará sufocá-la e transformá-la em um saber digerível, compreensível, leve, fácil. Lacan não quer que seus escritos sejam um osso fácil de roer, como nosso inconsciente, como nossa singularidade, no ponto em que o mercado pretende nos tornar domesticáveis, subordináveis.

Em poucas palavras:
Sem Lacan, Freud não seria o que é hoje.

PAIDÓS

1967

A "Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre os psicanalistas da Escola" (Lacan, 2003) é a Proposição do Passe, resposta da psicanálise a um "porvir de mercados comuns" e à "expansão de processos de segregação cada vez mais duros".

1970

A necessidade lógica do discurso orienta Lacan. O sujeito do significante que fala sente prazer com seu corpo pulsional; a psicanálise revela os modos de sentir prazer.

1978

É ministrada a última aula de Lacan: "O momento de concluir".

1980

Inesperada decadência: Lacan dissolve sua escola. Nasce uma contraexperiência: a Escola da Causa Freudiana.

1981

Lacan morre em 9 de setembro.

3. A psicanálise e a ciência

A psicanálise costuma ser desvalorizada com o argumento de que não é científica; ao que parece, o padrão lógico positivista não encontra em nossa disciplina um solo firme. O saber transmissível da ciência, válido para todos, não é aquele ao que um paciente chega mediante a análise; porém, a lógica com que o paciente chega a ele se baseia nela. A associação livre segue um determinismo, e a interpretação não está aberta a todos os sentidos. Por isso, para que a psicanálise não esteja condenada a se extinguir, para que seu sucesso não seja aleatório e passageiro, Lacan situa seu porvir e sua credibilidade nessa “marca” de cientificidade que Freud lhe outorga desde seu nascimento.

Freud jamais se desprende dos ideais de cientificidade de sua época, que moldam sua formação, e, antes de ser analista, ele é neurologista. A psicanálise nasce em terra científica; seu criador estuda com Hermann von Helmholtz e Emil du Bois-Reymond, verdadeiros positivistas, e compartilha crenças com os cientistas de seu tempo. No entanto,

apesar de todas essas credenciais da psicanálise, a comunidade não está de acordo. Os cientistas e epistêmicos dizem que talvez, há muito tempo, Sigmund Freud tenha sido um deles, mas que não durou muito porque ele se tornou vidente, e que, hoje em dia, a psicanálise se aferra a um território entre as ciências que não lhe cabe.

Freud acredita convictamente na ciência; basta recordar que, quando Breuer lhe confia informação sobre a famosa cura de Anna O., ele se interessa vivamente, embora antes deva verificar em Paris se Charcot outorga categoria científica e médica ao estudo da histeria.

Quando Lacan inventa o dispositivo do passe, aspira a que esse saber singular que o paciente obtém em uma análise e as mudanças que produz possam ser transmitidos à comunidade. Nada mais alheio aos terrenos inefáveis ou às experiências indescritíveis e inenarráveis, nem mais próximo da aspiração científica. Talvez a psicanálise navegue entre a ciência e a arte, visto que, em semelhança com a tarefa do artista, com as marcas de sua história o analisado constrói algo diferente de sua neurose.

Você sabia que... a psicanálise não teria sido possível sem o advento da ciência, no século XVII?

O olhar sobre esse quadro não é o de um xamã, mas, sim, o de um homem da ciência, que primeiro se certifica de que os sintomas não se explicam neurologicamente, mas que obedecem a leis ligadas à linguagem.

Apesar da crença de muitos psicólogos, nem tudo que ocorre no corpo é objeto de interpretação analítica, e sim só aquilo a que a ciência não responde e que clama por ser escutado. Por isso, Lacan afirma que o sujeito da psicanálise é o sujeito da ciência; ou seja, que esse sujeito que a ciência rejeita por não ter lugar nela, nômade e errante, mas produzido por ela mesma, será alojado pela psicanálise. Verifica-se, então, que tal expulsão implica uma origem. Lacan considera que o passo cartesiano é um marco fundamental para o advento da ciência moderna; em seu cogitar, o filósofo busca certezas e, ao não as encontrar em seus pensamentos, consegue encontrá-las em sua enunciação: penso e não posso duvidar desse ato no qual duvido; a subjetividade se ergue na hesitação em si. A ciência esquecerá a dúvida cogitativa de seu precursor, mas o ato tem suas consequências, visto que a dúvida destitui o saber anterior. Recordemos que Freud espera que a psicanálise chegue a fazer parte das ciências da natureza. Lacan muda as

A psicanálise seria impossível sem a existência da ciência, sem aquilo que a ciência, a mente científica, destruiu em nosso mundo. Talvez a melhor maneira de entender isso seja por meio de Descartes, que afirma que a posição científica é obtida ao evacuar toda crença prévia e dar lugar só à demonstração e à verificação. Esse movimento cartesiano é o que destrói os mitos em nosso mundo, visto que entra em um duradouro conflito com a religião.

Nesse mundo científico, nasce a psicanálise. A associação livre lhe deve muito: pedir a um sujeito que fale o que lhe vier à cabeça, e supor que o que ele diz é regido por uma lei, não seria possível sem o espírito científico. A psicanálise é uma maneira de tomar a linguagem materialmente, ou seja, como fato. Supõe-se, além do mais, que a análise, tal como a ciência em outros aspectos, produza modificações no sujeito.

Freud espera que a psicanálise chegue a fazer parte das ciências da natureza. Lacan muda as referências científicas da psicanálise, da biologia às ciências da linguagem, à linguística e à lógica, à matemática e à teoria dos nós.

referências científicas da psicanálise, da biologia às ciências da linguagem, à linguística e à lógica, à matemática e à teoria dos nós. A Descartes não interessa saber, mas, sim, andar seguro na vida, e os saberes vigentes não lhe garantem isso; assim, só encontra a certeza em sua dúvida. O passo seguinte

consiste em confiar em um Deus não enganador reduzido ao matemático e dar lugar a um universo sujeito a leis; assim, surge a geometrização do espaço.

A razão dessa redução do sujeito da psicanálise ao sujeito da ciência não é um fato meramente contingente, dado pelo contexto de seu nascimento, nem também oportunista, dado pelo prestígio e o poder da ciência, mas, sim, um fato fundamentalmente ético. A exigência de “cientificidade” de Freud é o que lhe permite conservar a orientação de sua descoberta e ignorar os desvios.

PAIDÓS

Cronologia

1870

O jovem Freud rejeita o vitalismo, a filosofia romântica da época, e descarta a superstição e o misticismo natural para se aproximar da ciência.

1876

O positivismo médico de Brücke, com quem Freud trabalha no laboratório onde conhece Breuer, exerce notável influência sobre ele. A posição racionalista de Freud da qual nasce a

psicanálise assemelha-se e segue o pensamento anticlerical do século XIX, cujas origens se encontram no Iluminismo do século XVIII. Ao longo de sua obra, Freud repetirá que a psicanálise não é uma cosmovisão.

Em poucas palavras:
A psicanálise não é uma ciência,
mas, sim, sua consequência.

PAIDÓS

1928

Freud põe a psicanálise sob a bandeira da ciência. Em “O futuro de uma ilusão” (vol. XXI) diz: “A psicanálise é, na realidade, um método de investigação, um instrumento parcial, como

o cálculo infinitesimal”. Ser “objetivo” é, para ele, ser científico, estar isento de toda distorção ideológica e de ilusões religiosas.

1963

Em seu texto “A ciência e a verdade”, Lacan (1975c)

indica as relações da psicanálise com a ciência e demonstra que a primeira não teria existido sem a segunda: o sujeito da psicanálise é o sujeito que a ciência rejeita.

4. A ética da psicanálise

Tanto Freud quanto Lacan são muito exigentes em relação aos princípios éticos da psicanálise. Freud afirma que a cura se baseia no amor à verdade, ao passo que Lacan a assenta no “bem-dizer”, um dizer que não corra por uma via diferente do real de cada um. Atualmente, seria, por acaso, a psicanálise o único discurso em que a palavra não está divorciada da economia libidinal dos sujeitos? É tal o valor que Lacan concede à ética que lhe dedica um seminário, orientado pela premissa de se a psicanálise é constitutiva de uma ética criada sob medida para nosso tempo.

A desvinculação entre ética e poder parece ser o signo de nosso tempo. Tanto a ética quanto o poder circulam por caminhos separados e independentes, como se não existisse uma relação entre eles. A desconfiança no poder se assenta nesse divórcio, e a ética parece vazia e impotente quando tenta regulá-lo. É que o poder perdeu legitimidade, e a ética se limita a apregoar valores imutáveis, como uma espécie de tribunal da razão atemporal e independente da experiência: um anacronismo. Hoje, invoca-se a ética apelando a uma função reguladora das forças científicas, midiáticas, políticas. Isso faz referência à separação radical entre a ética e os domínios mencionados. Se o poder deve ser ponderado, é por seu desarraigamento da ética. De fato: a ética já não está em seu exercício. Daí o sinal de seu ocaso.

A separação entre a ética e o poder conduz à ineficácia da ética e à ilegitimação crescente do poder. Ou seja, é inevitável que uma ética pura, que não aceita se misturar com a condução, pereça na medida em que se divorcia do ato, e um poder sem ética é um poder sem autoridade. A amálgama entre o poder e a ética como práxis legitima o princípio de autoridade; do contrário, só há um poder sem autoridade. Não devemos esquecer que o vocábulo “autoridade” [*autoritas*] provém do verbo *augure*, que significa “aumentar”. Nessa primeira acepção, considera-se que quem tem autoridade faz cumprir, confirma ou sanciona uma linha de ação ou de pensamento que engrandece.

Você sabia que... não há clínica psicanalítica sem uma ética que a sustente?

Mas, se nos aproximarmos mais da constituição da subjetividade, a função principal da autoridade consiste em determinar uma orientação ao querer do sujeito. Lacan diz: “O dito primeiro decreta, legisla, aforiza, é oráculo, confere ao Outro real sua obscura autoridade”. Claro que Lacan fala do “dito primeiro”, quando o sujeito não sabe o que quer. No momento em que as figuras que encarnam a autoridade entram em crise, o sujeito se vê bombardeado constantemente por ofertas para se pronunciar sobre o que quer. Não há autoridade que oriente; o peso da escolha está em nós. Tudo parece possível, mas, se não há escolha forçada que limite o campo da livre escolha, a própria liberdade de escolha desaparece. Slavoj Žižek afirma que, paradoxalmente, quando já não há ninguém que determine o que queremos, ocorre o contrário do que se esperaria; quando toda a carga da escolha repousa em nós, a dominação do Outro é mais completa e a capacidade de escolha se transforma em um simulacro puro.

Já faz mais de dez anos que Miller e Laurent (2005) chamam esta época de a era do “Outro que não existe”, marcada pela crise do real. Em sua primeira formulação, definiram essa inexistência como a de uma sociedade pautada pela irrealidade de ser só um semblante. Assistimos a um processo de desmaterialização crescente do real, no qual os discursos, longe de estarem articulados com o corpo em si, separam-se dele para proliferar desabitados. Ao advertir que as palavras não têm conteúdo, referimo-nos a esse processo.

A orientação da psicanálise fundamenta-se no desejo do analista de que

Freud estabelece uma relação entre a psicanálise e a política ao propô-las como tarefas impossíveis. Governar, educar e psicanalisar são labores que não podem se sujeitar integralmente às normas e às leis estabelecidas e que compartilham o fio que margeia essa impossibilidade estrutural no mundo das ideias. Ao afirmar tal comunidade, Freud se refere à política aristotélica, que assevera que os assuntos de que tratam a política e a ética não garantem de antemão resultado algum. O efeito político, como a interpretação, é medido segundo as consequências.

Lacan expressa um voto para a psicanálise: quer que esse discurso não seja tão somente um semblante vazio. Sua ética não é a que vocifera onde está o bem geral, visto que enfoca o real de cada um.

o sujeito possa se identificar com aquilo que lhe é tão próprio e que rejeita e que seu semblante possa ser posto em consonância com esse real.

A ética se extingue quando, longe de ser a prática de um poder, circunscreve-se a limitar seu exercício e assim o delata. Quando se denuncia um discurso, afirma Lacan, muitas vezes não se faz mais que aperfeiçoar sua existência. A ética não é um discurso instrutivo; é, por excelência,

práxis, o que remete à raiz do vocábulo. A ética é fundamentalmente prática, ancora-se na vida; quando é muito evocada, é porque perdeu seu lugar vital. Lacan chama de “ética da psicanálise” a práxis de sua teoria e, assim, devolve ao termo seu sentido mais original.

PAIDOS

Cronologia

Século IV a.C.

A *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles, será um dos primeiros tratados sobre ética da filosofia ocidental.

1895-1939

Ao longo de sua obra, Freud postula os princípios éticos que regem a cura. O analista deve se submeter à análise pessoal para evitar que sua subjetividade in-

tervenha nos casos que se lhe apresentarem. Assim, a regra de abstinência e o amor à verdade constituem, entre outras coisas, deveres que não podem ser ignorados em sua formação.

Em poucas palavras:
A ética do bem-dizer é o poder da
psicanálise como matriz de sua política.

PAIDÓS

1959-1960

Em *O seminário. Livro 7: a ética da psicanálise*, Lacan (1988) tenta cingir a especificidade da ética da psicanálise e sua relação e diferença com as éticas tradicionais.

1973

Lacan afirma que não há ética senão a ética do dever do bem-dizer ou de se reconhecer no inconsciente, na estrutura. Não existe um bem geral, válido para todos.

1997

Miller e Laurent dão um seminário dedicado a demonstrar que, na época do “Outro que não existe”, pululam os comitês de ética.

5. A sessão psicanalítica

A sessão analítica é o lugar onde se produz o encontro entre o analisado e o analista. Assim, uma sessão configura cada um desses encontros que constituem uma série ao longo de uma análise. Essas unidades temporais se desenrolam em um tempo e um lugar determinados, segundo mínimas regras estabelecidas sem dogmatismo, visto que aquilo que se privilegia são os princípios da psicanálise, e o enquadramento depende deles. O tratamento começa com a introdução dos poderes da palavra a serviço da regra fundamental: o paciente deve dizer o que lhe vier à cabeça, sem coação. A psicanálise descobre que a associação livre é, na verdade, determinada pelo inconsciente, é livre de preconceitos conscientes e, assim, surge um saber não sabido.

Michel Foucault critica a psicanálise porque considera que a sessão analítica é herdeira da confissão religiosa. No entanto, por um lado, Freud já havia assinalado antes suas diferenças: o “dizer tudo” ordenado pela regra fundamental implica dizer mais que o que se sabe, ao pas-

Quando Lacan começa a implementar as sessões breves, Lemoine, então analisado seu, pergunta-lhe por que faz isso, e a resposta que recebe é: para “deixar a sessão mais sólida”. *Sólido* se aplica ao estado da matéria no qual as moléculas não têm liberdade de movimento apreciável e às substâncias que têm esse estado, ou seja, que têm uma forma estável e oferecem resistência à deformação; aplica-se às coisas fabricadas que não se destroem nem desaparecem com facilidade; aplica-se às coisas que não se movem nem caem facilmente e, de forma correspondente, a seu fundamento ou apoio.

so que o pecador diz só o que sabe. Por outro lado, a psicanálise não redime e é menos compassiva que o cristianismo, visto que conduz o analisado a se responsabilizar pelo prazer do qual a confissão pretendia liberá-lo. Assim como o paciente se entrega à regra fundamental, a análise se desenrola na regra de abstinência por parte do analista, que não deixa seu ego intervir e se furta de satisfazer os pedidos do analisado. Tal privação move as forças pulsionais para a obtenção da cura, que a satisfação dos pedidos não faria mais que deter. Assim, o que se joga entre o analista e o analisado em uma sessão baseia-se em uma

dupla hipótese: um saber não sabido, que é o inconsciente, e uma força em ação, a pulsão.

Já no início de seus ensinamentos, Lacan vê na técnica da API uma regulamentação heterogênea à experiência e, por isso,

parte dos escritos técnicos de Freud para captar o solo vivo em que se apoiavam. Em seu primeiro seminário, dedica-se a essa temática e observa que, entre os analistas, não há nenhum de acordo com seus contemporâneos em relação ao que se faz, ao objetivo e ao que está em jogo em uma análise. Só graças à linguagem freudiana se mantém um intercâmbio entre os praticantes com concepções muito diferentes de sua ação. O rigoroso padrão nas sessões é comum a todos e parece substituir os conceitos que estavam desaparecendo. Lacan é expulso da API, porque suas sessões breves não chegam aos clássicos cinquenta minutos que duram as de seus colegas. Essa brevidade se apoia em uma ética, e não em uma mera questão técnica.

A psicanálise lacaniana resguarda o princípio de qualquer equiparação com uma técnica; e o retorno a Freud, impulsionado por Lacan, faz prevalecer os princípios enquanto se aprofunda nos fundamentos da psicanálise. Mas a tarefa não se circunscreve a uma proclamação; antes de tudo, deveríamos nos questionar: o padrão não se dá só na API, dado que também afeta a comunidade lacaniana.

A sessão breve poderia ser padronizada sem problema e fazer parte de um hábito mecânico, que, longe de se articular com a surpresa, se associasse com o previsível. Se a técnica esquece o princípio em que se baseia, cai necessariamente em um estereótipo vazio, em um clichê. Lacan é repudiado porque suas ideias alteram os padrões e, dessa maneira, alerta o analista de que “sua ação sobre o paciente irá lhe escapar, junto da ideia que ele faz dela, se não voltar a tomar seu ponto de partida naquilo pelo qual esta é possível, se não reter o paradoxo no qual tem se desmembrado, para revisar no princípio a estrutura pela qual toda ação intervém na realidade”. Assim, elucida os princípios da cura para falar da origem de seu poder, para situar uma ética que beba nesses princípios, articulando no termo *princípio* suas duas acepções: pilar de uma teoria e fundamento ético.

O apelo feito por Lacan aos princípios, ao princípio, à origem, aos fundamentos, à fonte, corre em paralelo com seu ponto de partida no real da experiência analítica.

Você sabia que... o único meio próprio da sessão analítica é o da palavra?

Em uma oportunidade, fui convidada a participar de um debate na Associação Psicanalítica Argentina (APA) que versava sobre o trauma e as crises, enfocados sob as coordenadas da época. Uma analista dessa instituição reivindicava a sessão de cinquenta minutos em tempos – dizia – em que a pressa faz de nossa vida um *zapping*. O comentário encerrava uma crítica explícita aos lacanianos, os quais, segundo ela, seguiam em uníssono com a época, sem oferecer, nesse sentido, nenhuma resistência. O *yuppie* moderno encontraria em nosso movimento um terreno fértil onde se assentar. Considero interessante tomar esse comentário – que também ouvi em outras oportunidades de membros da API – para revisar o princípio analítico ligado ao tema tempo. Essa colega confunde velocidade com brevidade. A aceleração define muito bem o homem de nosso tempo. Martin Heidegger assinala a incapacidade de nos determos na contemplação e o crescente afã por novidades como duas de nossas características.

Um maior tempo cronológico não introduz um corte nem dá lugar à pretendida demora ali onde tudo parece apontar ao vertiginoso. É a interpretação que quebra a incansável sucessão ao se inscrever como surpresa, ou seja, como momento não homogêneo, como acontecimento imprevisto, hiato fecundo.

Em *A erótica do tempo* (2000), Miller nos diz que o analista extrai a palavra do tempo que passa e, assim, transforma-a em um saber

Cronologia

1892

Freud já reúne os rudimentos da técnica psicanalítica: a associação livre, a interpretação, a observação atenta e a elaboração.

1895

Freud descreve o procedimento psicoterapêutico que desenvolveu com base nas descobertas de Breuer.

1911-1913

Freud escreve uma série de artigos sobre técnica psicanalítica, nos quais expõe um conjunto de regras que configuram a sessão e adverte

inscrito, em escritura. Não há nada mais distante dessa velocidade que anule os intervalos e impeça as ancoragens da escritura. É preciso conceber o tempo da sessão como tempo suficiente antes que como técnica de sessão breve ou cronometrada de cinquenta minutos; tempo suficiente para que o dizer não fique esquecido no dito.

Nos escritos dedicados à técnica, Freud apresenta determinadas regras em termos de conselhos e adverte que não pretendem ser incondicionalmente obrigatórias. Enfatiza aquilo que fundamenta esses instrumentos, não eles próprios. Questionar coisas pela sessão analítica significa mergulhar nos princípios de uma prática, longe de aplicar uma receita. Não existem manuais de uso,

porque cada sessão responde ao momento da cura na qual se inscreve e depende da lógica que a anima: transferência, interpretação, conclusão, começo e fim de análise. Assim, uma sessão analítica não é um ritual nem se define por seu cerimonial; cada caso se apresenta em seu caráter novo. Por isso a afirmação de Freud de atender a cada um como se não houvesse outros similares.

Em poucas palavras:

O próprio corte da sessão é o que,
por seu efeito posterior, redefine
o que acontece nela.

que não é aconselhável fixá-las de forma mecânica. A técnica tem valor quando assimilados seus fundamentos.

1953-1954

Lacan dá seu primeiro seminário: *Os escritos técnicos de Freud* (Lacan, 1986).

1963

Lacan é expulso da API com o argumento de que suas sessões são curtas. Na realidade, trata-se de um ensinamento que altera os padrões da época.

1964

Lacan cria a Escola Freudiana de Paris e ministra um seminário sobre os fundamentos da psicanálise.